

MISSIONÁRIOS ITINERANTES DA IGREJA PRIMITIVA E EVANGELIZAÇÃO: O DESAFIO DA ACOLHIDA E DA HOSPITALIDADE

Itinerant missionaries of the church of the origin and evangelization: the challenge of welcome and hospitality

Gabriele Bentoglio*

A análise, embora parcialmente incompleta, de ocorrências relativas à acolhida e à hospitalidade no Antigo e no Novo Testamento no amplo contexto da experiência de ser um estrangeiro, longe de casa, abre caminho para considerações relevantes referentes à visão bíblica sobre as relações humanas. Isto é baseado não somente no amparo filantrópico, mas também, no valor evangélico do *agapē*, uma nova dinâmica que enfatiza o ser humano como “ser”, mais do que o seu “fazer”. A dimensão cristológica-ecclesial da acolhida cristã, que pertence propriamente às escrituras do Novo Testamento, marcou genuinamente as relações humanas, inspirando rotas de diálogo e comunhão que podem aclarar também a história atual, particularmente no campo das migrações e da mobilidade humana.

Palavras-chave: Hospitalidade; Acolhida; Evangelização; Migração

The analysis, although partially incomplete, of Old Testament and New Testament occurrences concerning the topics of hospitality and welcome, in the wider context of the experience of being foreigners far from the homeland, gives way to some relevant considerations on the biblical stress of establishing human relationships. These are based not only on philanthropic assistance but, moreover, on the evangelic value of agapē, a new dynamic emphasizing the human person's “being” more than his/her “doing”. The christological-ecclesiological dimension of Christian welcome, which properly belongs to the New Testament writings, genuinely marked human relationships, inspiring itineraries of dialogue and communion that may enlighten also our present history, particularly in the field of migrations and human mobility.

Keywords: Hospitality; Welcome; Evangelization; Migration

Evangelização e missionários

Nos evangelhos, a noção semita de *šalīah* (*B^erākôt* 5,5), sem interrupções de continuidade, se aplica aos apóstolos nos dizeres de Jesus “Quem vos recebe, a Mim recebe” (Mt 10:40).¹ Devido a este contexto cultural, o(a) missionário(a) itinerante pôde interagir com a comunidade e oferecer seus ensinamentos. Ele/Ela pode ser um apóstolo ou

* A versão original do artigo, em inglês, foi publicada na REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, ano XVII, número 32, 2009, p. 63-81. Direitos reservados. A atual versão foi disponibilizada no site http://www.csem.org.br/artigos_port_artigos09.html. com autorização do autor e da Editora da REMHU – CSEM – , em maio de 2009.

* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana/Roma. Enquanto comprometido com atividades acadêmicas e pastorais, o autor esteve em Londres e Roma por um certo período, publicando livros e artigos. O autor prestou seu serviço à Santa Sé como um oficial do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, Roma/Itália. Atualmente ele leciona Teologia Bíblica no Instituto Internacional Scalabrini de imigração (Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma) e é Procurador e Conselheiro geral da Congregação dos Missionários Scalabrinianos.

¹ Todas as citações Bíblicas são da *Bíblia Sagrada*, Paulus; Sociedade Bíblica Católica Internacional, São Paulo 1990.

um profeta. Na verdade, além dos apóstolos, nos primórdios da Igreja, havia também outros ministros itinerantes e pregadores.² A primeira testemunha direta disso vem de *Didaché*:

Se vier alguém até você e ensinar tudo o que foi dito anteriormente, deve ser acolhido – *dexasthe* –. Mas se aquele que ensina é perverso e ensinar outra doutrina para te destruir, não lhe dê atenção. No entanto, se ele ensina para estabelecer a justiça e conhecimento do Senhor, você deve acolhê-lo – *dexasthe* – como se fosse o Senhor (11,1-2).³

Dessa forma, na vida da Igreja, o papel do apóstolo rapidamente superou o círculo dos Doze, assumindo também que, além de Paulo e Barnabé (cf. Atos 14:4-14; 1Cor 9:5-6), esse título foi dado também a outros (cf. Rm 16:17; 1Ts 2,6). Além disso, Gálatas 1:1 parece lidar também com alguns pregadores que se tornaram apóstolos por um processo de educação. Finalmente, a passagem de 2Cor 11:13 trata de falsos apóstolos os quais se disfarçaram como apóstolos de Cristo, e isso sugere que, de certa forma, deve ter havido um procedimento para provar a autenticidade do ministério apostólico daqueles que entraram na comunidade como missionários itinerantes (também 2Jo 7).

De fato, esse é um dos temas da seguinte passagem do *Didaché*:

Já quanto aos apóstolos e profetas, faça conforme o princípio do Evangelho. Todo apóstolo que vem até você deve ser recebido – *dechthēto* – como o próprio senhor. Ele não deve ficar mais que um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três dias é um falso profeta. Ao partir, o apóstolo não deve levar nada a não ser o pão necessário para chegar ao lugar onde deve parar. Se pedir dinheiro é um falso profeta (11,3-6).

O primeiro critério de autenticidade é a fidelidade ao *kerygma* proclamado e recebido – na verdade, aqueles que proclamam o ato de acordo com a instituição de *šalīah* devem se comportar em nome daquele que os enviou – e o segundo critério é trabalhar de graça. Todo pregador que se estabelece em uma comunidade a fim de ser sustentado por ela, é considerado um falso profeta, justamente pela sua intenção de explorá-la ao invés de servi-la (*Didaché* 11,6). Dessa forma, o verdadeiro profeta pode ser reconhecido pelo seu comportamento, ou seja, pela sua vida sóbria e sua coerência com a mensagem entregue à comunidade (*Didaché* 11,8-10).⁴

² O tópico, dentro do contexto da bolsa de estudos mundial social do NT por THEISSEN, Gerd. *Sociology of Early Palestinian Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1978, e, em Corinto, o mesmo autor publicou *The Social Setting of Pauline Christianity: Essays on Corinth*. Trans. by John H. Schutz. Philadelphia: Fortress Press, 1982. Também são úteis os seguintes: MEEKS, Wayne. *The First Urban Christians: The Social World of the Apostle Paul*. New Haven: Yale University Press, 1983; HARRINGTON, Daniel. “Sociological Concepts and the Early Church: A Decade of Research”, in *Theological Studies* 41, 1980, p. 181-190; BEST, Thomas. “The Sociological Study of the New Testament: Promise and Peril of a New Discipline”, em *SJT* 36, 1983, p. 181-194.

³ HOLMES, Michael (ed.). *The Apostolic Fathers: Greek Texts and English Translations*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007. A Segunda Carta de João coloca que “Se alguém for ter convosco, e não levar este ensinamento, não o receba em vossa casa – *mē lambanete auton eis oikian* – nem o cumprimenteis. Aquele que o cumprimentar participa nas suas obras más” (2Jo 10-11); novamente, em uma visão positiva, a terceira Carta do “Ancião” diz que aqueles que oferecem hospitalidade aos autênticos pregadores do *kerygma* “acolhem esses homens para serem cooperadores da Verdade” (3Jo 8).

⁴ Há uma testemunha do fenômeno de itinerantes carismáticos, no início do segundo século, nestas palavras de Eusébio de Cesareia: “a maioria dos discípulos daquele tempo, animados pela palavra divina com o mais ardente amor pela filosofia, já tinha cumprido o comando do Salvador, e tinha distribuído seus bens para os necessitados. Então eles começam após longas jornadas a exercerem o papel de evangelistas, sendo preenchidos com o desejo de pregar Cristo àqueles que ainda não ouviram a palavra de fé, e de entregar a eles os Evangelhos divinos. E quando eles tinham apenas lançado as bases da fé em lugares estrangeiros, eles nomeavam outros como pastores, e confiavam-lhes a sustentação das pessoas que tinham sido trazidas

No entanto, o pregador itinerante que vem em nome do Senhor deve ser ajudado. Os ministros itinerantes, dessa forma, estavam autorizados a instalar-se em uma comunidade, onde eles tivessem benefícios, recebendo os primeiros frutos, uma vez reservados aos sacerdotes.

Todo verdadeiro profeta que queira estabelecer-se em seu meio é digno do alimento. Assim também o verdadeiro mestre é digno do seu alimento, como qualquer operário. Assim, tome os primeiros frutos de todos os produtos da vinha e da eira, dos bois e das ovelhas, e os dê aos profetas, pois são eles os seus sumos-sacerdotes (*Didaché* 13,1-3).⁵

Acolhida e Hospitalidade

Comportamentos e atos, no entanto, revelam de fato pensamentos e atitudes interiores. Isso sugere que o mundo bíblico, e especialmente a Igreja antiga, consideravam hospitalidade e acolhida de acordo com seus próprios domínios distintos. Hoje em dia, as pessoas usam as duas palavras sem nenhuma distinção: na nossa linguagem cotidiana eles parecem ser sinônimos. Contudo, isso não está correto.

Muitas vezes aqueles que acolhem são também pessoas hospitaleiras; mas nem sempre aqueles que oferecem hospitalidade estão dispostos a acolher. As grandes cidades de nossas sociedades se desenvolveram em um caldeirão de raças e culturas, e as pessoas se preocupam em “praticar a hospitalidade”. O que as pessoas querem dizer não mais diz respeito a um valor, embora possa ser humano ou religioso. A expressão aponta para algo a ser praticado, uma atividade, um negócio muitas vezes relacionado com sua dimensão econômica. Nesse caso, seria melhor se referir a “hospitalidade a hóspedes”, que não requer um envolvimento pessoal, e sim a oferta de um serviço específico. Consiste em algo estritamente dependente de retribuição e, freqüentemente, o único relacionamento humano existente se dá na atividade de compra e venda.

Acolhida, por outro lado, demonstra um espírito aberto e um desejo prático. Em outras palavras, a acolhida vem primeiro e é a própria raiz da hospitalidade, já que ela exige a pessoa interior, bem como sentimentos, emoções e reflexões. Dessa forma, “acolhida indiferente” não existe. Amor, solidariedade, partilha são elementos da acolhida. Portanto, na prática, acolher consiste em um serviço gratuito e generoso, não tolerando compromisso e hipocrisia.⁶

Elementos de ensinamento Bíblico

Hospitalidade para estrangeiros era muito valorizada pelos povos antigos dos países do Oriente Próximo.⁷ A hospitalidade era um dever sagrado e, portanto, consistia em algo extremamente errado a recusa em acolher quem precisava, e era ainda pior ser desleal para

recentemente, enquanto eles próprios partiam novamente para outros países e nações, com a graça e cooperação de Deus” (*Church History* III, 37,2-3).

⁵ Cf. MANNIS, Frédéric. “Il giudeo-cristianesimo e il fenomeno della mobilità”, em AA. VV. *L'epoca patristica e la pastorale della mobilità umana*. Padova: Edizioni Messaggero, 1989, p. 15-53.

⁶ Cf. BYRNE, Brendan. *The Hospitality of God. A Reading of Luke's Gospel*.

⁷ Dentre diversas contribuições neste tema, ver GLASSNER, Jean-Jacques. “Women, Hospitality and the Honor of the Family”, em LESKO, Barbara (ed.). *Women's Earliest Records from Ancient Egypt and Western Asia*. Atlanta, Georgia: Scholar Press, 1989, p. 71-79; CARDELLINI, Innocenzo. “Stranieri ed ‘emigrati-residenti’ in una sintesi di teologia storico-biblica”, em *Rivista Biblica*, 40, 1992, p. 129-181; FURNARI-CARBONELL, Isabel. *La escucha del huésped (Lc 10,38-42)*. La hospitalidad en el horizonte de la comunicación. Estella: Editorial Verbo Divino, 1995, especialmente p. 111-159.

com os convidados (cf. Gn 19:5-7; Jz 19:22.23.30; 1 Sm 25:25; Jb 31:31-32). No entanto, recusar a oferta de hospitalidade parecia também ser uma ofensa (cf. Gn 19:2-3).⁸

A razão provém da história pessoal e da experiência do povo: a lei chama a atenção para a vida dos patriarcas, que foram eles mesmos viajantes e peregrinos, em países estrangeiros, assim como Abraão em Hebron (Gn 23:4), e Moisés na terra de Madiã (Ex 2:22; 18:3; ver também Atos 7:29), e todos os outros que viveram no Egito à espera da terra santa prometida. Essa ideia está presente em várias passagens do *Torah*. Por exemplo: “Não maltratarás o estrangeiro e não o oprimirás, porque foste estrangeiro no Egito” (Ex 22:20 e Ex 23:9). “Se um estrangeiro vier habitar convosco na vossa terra, não o oprimireis, mas esteja ele entre vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, porque fostes já estrangeiro no Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus.” (Lv 19:33-34 e Lv 23:22). O livro de Deuteronômio insiste na razão histórica e teológica: “Não violarás o direito do estrangeiro nem do órfão, e não tomarás como penhor o vestido de uma viúva. Lembra-te de que foste escravo no Egito e de que o Senhor, teu Deus, te libertou. Por isso te dou esta ordem” (Dt 24:17-18; também 10:18-19; 16:12; 23:8; 24:19-22; 26:12-13; 27:19).⁹

Outra razão apontada pela lei a fim de estimular o respeito, a misericórdia e até mesmo o amor ao estrangeiro é que Deus os amou assim como amou os órfãos e viúvos: ele cuida deles, os protegendo e defendendo seus direitos, ao mesmo tempo em que condena e leva a vingança àqueles que os oprimem. Em Dt 10:18-19 está escrito sobre Deus que: “Ele faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. Também vós, amai o estrangeiro, porque fostes estrangeiro no Egito” (também Sl 146:9; Ml 3:5). Portanto, a lei dá atenção ao estrangeiro e reconhece como sendo dele alguns direitos (cf. Lv 25:6; Dt 14:28-29); a ele é recomendado o cuidado carinhoso dos cidadãos nativos (cf. Lv 19:33; 22:22; Dt 24:19-22). Nesse mesmo nível, os profetas condenam firmemente todos aqueles que desconsideram a lei e exploram os pobres, os estrangeiros e as viúvas (cf. Jr 7:6; 22:3; Ez 22:7; Zc 7:10 e também Sl 94:6).

Por outro lado, nós entendemos que entre ideais e a prática há sempre um enorme abismo. Temos consciência também que muitas prescrições legais vêm da necessidade de parar determinado comportamento negativo; algumas vezes as boas palavras de um pregador devem ser consideradas como sendo uma reação a uma situação genuinamente ruim. Portanto, não é de se surpreender que a Bíblia frequentemente lida com os tópicos de hospitalidade/recusa ao estrangeiro. Isso marca o fato de que a virtude de abertura e boa vontade para com os outros, devido à sua própria definição como uma virtude, era praticada por poucas pessoas e, portanto, viajantes estrangeiros não eram apoiados positivamente, da forma segunda a qual a lei e os profetas teriam desejado. Indubitavelmente aqueles que são

⁸ Quanto ao status de estrangeiro e aos temas de hospitalidade/hostilidade ver KELLERMANN, Diether, “Gur”, em BOTTERWECK, Johannes; RINGGREN, Johannes (eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 447; VAN HOUTEN, Christiana. *The Alien in Israelite Law*. Sheffield: JSOT SS 107, 1991.

⁹ A dialética de possuir terra e não possuir terra se encontra na própria raiz da discussão acerca da identidade de Israel como “chosen-yet-alien” (escolhidos e ainda estrangeiros) para BRUEGGEMANN, Walter. *The Land: Place as Gift, Promise, and Challenge in Biblical Faith*; cf. também SCHÖKEL, Luis Alonso. *Salvezza e liberazione: l'Esodo*. Bologna: EDB, 1996, especially p.115-149; BOORER, Suzanne. “The Earth/Land in the Priestly Material: The Preservation of the ‘Good’ Earth and the Promised Land of Canaan Throughout the Generations”, em *Australian Biblical Review*, 49, 2001, p. 19-33.

forçados a viverem longe de seus ambientes nativos experimentam uma sensação de inferioridade e impotência (cf. Pr 27:8).¹⁰

Os Evangelhos

A leitura do Antigo Testamento e dos escritos não-bíblicos antigos sugere que a abertura aos estrangeiros era recomendada a ambos os cidadãos e as comunidades, mas havia em tudo uma organização pública. O aumento de relações entre povos e viajantes promoveu a instituição de prédios públicos para pessoas vindas de diferentes países, especialmente em grandes centros comerciais. O Império Romano provinha várias *hospitia*, *diversoria* e *cauponae* por toda a área sob seu controle: consistiam em edifícios onde os estrangeiros podiam obter comida, alojamento e o que fosse necessário aos animais. Teria havido edifícios como estes na Palestina da era do Novo Testamento: de fato, fontes escritas e descobertas arqueológicas nos falam sobre a existência tanto de albergues públicos, onde as pessoas podiam se acomodar gratuitamente, quanto de alojamentos privados onde era cobrado aluguel. Nesse contexto, consistia em um *khan*, um lugar para alojamento gratuito, a *katalyma* onde José levou Maria em Belém na noite de Natal (Lc 2:7). E é provável que foi um albergue pago, o *pandokeion*, para onde o Samaritano misericordioso levou o pobre homem que caiu entre os ladrões no seu caminho de Jerusalém a Jericó (Lc 10:34-35). No entanto, esses tipos de hospedaria eram administrados por anfitriões desatenciosos; não ofereciam nenhum conforto, e estavam longe de serem lugares seguros; diz-se que bêbados e prostitutas se reuniam lá e, portanto, pessoas honestas provavelmente evitariam de entrar lá, a não ser em situações de extrema necessidade.¹¹

Descobertas arqueológicas provaram que o grupo marginal dos Essênios, um movimento sectário do tempo de Jesus, se organizava por meio da promoção de um “agente do hóspede”, em cada cidade, o qual era encarregado de acolher todos os membros do movimento e de assisti-los em todas as suas necessidades. Mas todos os outros viajantes teriam tido que confiar somente na boa vontade de parentes, amigos e indivíduos generosos. Finalmente, esse é o tipo de hospitalidade à qual os evangelhos se referem, especialmente no que tange a Jesus sendo acolhido e recebido em algumas casas privadas, ou quando ele próprio ensinava e agia como alguém que acolhe pessoas com abertura e boa vontade de coração. De fato, os Evangelhos nos dizem pouco a respeito de como Jesus e seus discípulos supriam suas próprias necessidades ao longo de suas caminhadas por povoados e cidades por toda a Palestina. Há somente uma passagem que trata propriamente deste assunto, quando Jesus responde a um jovem rapaz que se oferece para segui-lo aonde ele fosse: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8:20; Lc 9:58). Portanto, podemos supor que na maior parte do tempo, Jesus e seus seguidores entraram em cavernas durante a noite e

¹⁰ Quanto a leis de coleta e dízimos trienais, proibições contra maus tratos, imparcialidade em cortes e outros assuntos relativos, ver CERVANTES GABARRÓN, José. “Legsilación Bíblica sobre el Inmigrante”, em *Estudios Bíblicos*, 61, 2003, p. 319-349; BENNETT, Harold. *Injustice Made Legal. Deuteronomic Law and the Plight of Widows, Strangers and Orphans in Ancient Israel*. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans Publ. Company, 2002. Ver também MATTHEWS, Victor. “Hospitality and Hostility in Judges 4”, em *Biblical Theology Bulletin*, 21, 1991, p. 13-15; *Idem*. “Hospitality and Hostility in Genesis 19 and Judges 19”, em *Biblical Theology Bulletin*, 22, 1991, p. 3-11.

¹¹ Extremamente útil é a nota sobre “Hospitalidade” por Chistine POHL em ALEXANDER, Desmond; ROSNER, Brian (eds.). *New Dictionary of Biblical Theology*, p. 561-563. Também útil é STÄHLIN, Gustav “*xenos*”, em G. KITTEL *et al.* (eds.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1964, p. 1-36. Ver também POHL, Christine. “Biblical Issues in Mission and Migration”, em *Missiology*, 31, 1, 2003, p. 3-15.

conseguiram seus alimentos comprando o que podiam com ofertas e donativos (cf. Jo 4:8; 13:29). Em geral sabemos que Jesus ensinou que as pessoas não deveriam se preocupar com comida e vestuário, no entanto, quando lhe foi dada a oportunidade, ele ficou feliz com a hospitalidade generosa e amigável daqueles que o convidaram a suas casas, a despeito de condição social e status religioso. Ele foi beneficiado pela boa vontade de amigos assim como de Fariseus, cobradores de impostos, pecadores marginalizados pela opinião pública e se aproveitou da oportunidade para levar a Boa Nova da reconciliação e da paz.¹²

Jesus e seus discípulos acolhidos de bom grado

Deve ter havido diversas situações em que Jesus e seu pequeno grupo de amigos próximos foram recebidos nas casas de seus amigos, no entanto os Evangelhos nos falam apenas de poucas delas, em ocasiões específicas: por exemplo, uma festa de casamento em Caná da Galileia (cf. Jo 2:1-11), a última ceia na casa de um amigo de Jesus (cf. Mt 26:18-19; Mc 14:14; Lc 22:21); as frequentes visitas de Jesus à casa de Pedro (cf. Mt 8:14; Mc 1:29; Lc 4:38 e também Mc 3:20; 7:17; 9:28.33 onde o mesmo lugar parece ser mencionado) e finalmente, após a ressurreição de Jesus, quando dois de seus discípulos foram de Jerusalém a Emaús e à noite

eles, porém, insistiram com Jesus dizendo: 'Fica conosco, pois já é tarde e a noite já se aproxima!' Então Jesus entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou-o, depois o partiu e entregou-lho. Nisto os olhos dos discípulos abriram-se e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu de sua presença. (Lc 24:29-31).

Por outro lado, Jesus não menosprezava a hospitalidade dos cobradores de impostos, mesmo sendo eles considerados pessoas pecadoras que deveriam ser evitadas e marginalizadas. Os discípulos pareciam impressionados com o banquete extraordinário oferecido a Jesus por Mateus em Cafarnaum, depois de seu chamado quando estava sentado na recepção como de costume: todos os evangelistas se lembram daquele determinado evento e ressaltam que muitas pessoas estavam na mesa naquela ocasião, dentre as quais havia “uma série de cobradores de impostos e pecadores” (Mt 9:10; Mc 2:15; Lc 5:20). E um jantar especial também aconteceu em Jericó na casa de Zaqueu: na verdade Lucas escreve que não foi Zaqueu que convidou Jesus a sua casa, mas foi Jesus que se convidou, e Zaqueu, “um dos grandes cobradores de impostos... desceu depressa e o acolheu alegremente” (Lc 19:6).

Quanto ao grupo dos Fariseus, Lucas se refere a um banquete na casa de um homem chamado Simão (Lc 7:36), outro por um Fariseu desconhecido (Lc 11:37) e um terceiro na casa de um dos chefes dos fariseus (Lc 14:1). O segundo episódio inclui alguns elementos bastante relevantes. Enquanto Jesus se sentava para comer, uma mulher desconhecida

conhecida na cidade como pecadora... colocou-se por detrás, chorando aos pés de Jesus; com as lágrimas começou a banhar-Lhe os pés. Em seguida, enxugava-os com os cabelos, cobria-os de beijos e ungia-os com perfume (Lc 7:38).

Então, a partir das palavras de Jesus em resposta à reação de Simão, nós percebemos que alguns elementos tradicionais de hospitalidade estavam ainda em uso naquele tempo: especialmente os versículos 44-46 apontam para a lavagem dos pés, o beijo de boas vindas e o óleo para a unção da cabeça dos hóspedes. Há ainda dois outros casos, mas a identidade dos hóspedes é incerta. O primeiro episódio ocorre em um ambiente não-judeu, porque

¹² Cf. KÖNIG, John. *New Testament Hospitality*; LAFFEY, Alice. “Strangers and Sojourners”, em *The Bible Today*, Nov., 1991, p. 330-335.

Marcos nos fala que Jesus estava viajando na área de Tiro na Fenícia, e entrou em uma casa e “não quis que ninguém soubesse onde Ele estava; mas não conseguiu ficar escondido” (Mc 7:24). A segunda narrativa é sobre uma refeição na casa de Simão, uma pessoa cujo apelido parece apontar a “um homem que tinha sofrido de uma doença de pele virulenta” (Mt 26:6; Mc 14:3). O banquete acontece um dia após a chegada de Jesus a Jerusalém e dentre aqueles que haviam sido convidados para a refeição está também Lázaro, o amigo de Jesus, com suas irmãs Marta e Maria (cf. Jo 12:1-3). Portanto, o cenário se torna agora o ambiente familiar de Betânia, onde Jesus em várias ocasiões desfrutou da hospitalidade amigável da família de Lázaro (cf. Lc 10:38-42) e que passaria a ser seu refúgio noturno, seguro e confortável, durante seus últimos estressantes dias na área do templo de Jerusalém (cf. Mt 21:17; Mc 11:11-12).

A recusa de hospitalidade

Há também ao menos um episódio, relatado por Lucas, de Jesus sendo recusado. Ele estava viajando da Galiléia para Jerusalém e o caminho mais curto cruza a região central da Palestina, a Samaria. Em outras ocasiões ele escolheu o caminho mais longo, pelo vale do Jordão. Mas em Lc 9:51-56 Jesus quer ir direto para Jerusalém e “tomou a firme decisão de partir para Jerusalém” (Lc 9:51). Enquanto estava a caminho, ele envia alguns de seus discípulos antes dele para procurar hospedagem em um povoado samaritano. Surpreendentemente, “as pessoas não O receberam, porque Jesus dava a impressão de quem se dirigia para Jerusalém” (Lc 9:53), e portanto Jesus e seus discípulos tiveram que ir para outro povoado.

O próprio Jesus experimenta quão bom pode ser a hospitalidade, uma acolhida generosa e amigável; por outro lado, ele também experimenta a tristeza da recusa e intimidação. Por sua parte, embora Ele não seja capaz de oferecer nenhum refúgio material porque Ele próprio não tem sequer um lugar para repousar Sua cabeça (cf. Mt 8:20; Lc 9:58), Ele é sempre piedoso, paciente e acolhedor com todos: para com as inúmeras pessoas que se reúnem para ouvir Sua pregação bem como com pessoas doentes que pedem a cura, e com crianças cujas mães as levam a Ele para serem abençoadas (cf. Mt 19:13-15; Mc 10:13-16; Lc 18:15-17). Abertura e boa vontade para com os outros são elementos típicos da pregação de Jesus e do Seu método preferido de evangelização. Seu programa de vida pode ser resumido por suas próprias palavras: “Vinde a mim todos os que estais cansados de carregar o peso do vosso fardo e Eu vos darei descanso” (Mt 11:28).

Na verdade, de acordo com os quatro Evangelhos, Jesus nunca falou sobre hospitalidade, a não ser de forma indireta em algumas de suas parábolas. Por exemplo, quando ele quer que seus seguidores entendam quem é o próximo que deve ser servido e amado, ele conta a história do Bom Samaritano (cf. Lc 10:34-35). Algumas outras observações úteis podem também ser encontradas na parábola do amigo importuno, que bate à porta de seu amigo à meia noite para pedir três pães a serem oferecidos a um amigo vindo de longe que chegou inesperadamente (cf. Lc 11:5-8), ou a história do administrador desonesto que faz amigos para que no futuro, quando ele fosse mandado para longe por seu mestre, eles pudessem lhe prover hospedagem em suas casas (cf. Lc 16:9).

Palavras de Jesus sobre sensibilidade para com os outros

Há uma especial relevância nas palavras de Jesus acerca da generosidade de abertura aos outros no encerramento de uma parábola que apontava a escolha de lugares nas refeições.

Quando deres um almoço ou jantar, não convides amigos, nem irmãos, nem parentes, nem vizinhos ricos. Porque eles irão, por sua vez, convidar-te. E isso será para ti uma recompensa. Pelo contrário, quando deres uma festa, convida pobres, aleijados, coxos e cegos. Então serás feliz! Porque eles não te podem retribuir. E receberás a recompensa na ressurreição dos justos (Lc 14:12-14).

O terceiro Evangelho dá atenção particular a esse tópico, e não somente por meio de parábolas. Há também no mínimo dois discursos “particulares”, onde Jesus fala sobre isso. O primeiro aparece tanto em Marcos (de forma bastante breve) quanto em Mateus (um pouco mais longo). Trata-se de uma conversa de Jesus com seus doze apóstolos, antes de enviá-los para pregar o Reino de Deus (cf. Lc 9:2-5; Mc 6:8-11; Mt 10:5-15). O segundo consiste em uma conversa apenas com Lucas, sendo a situação a mesma mencionada acima com conteúdo bastante similar; a diferença reside naqueles a quem Jesus se dirige, que desta vez são setenta e dois discípulos enviados para serem missionários (cf. Lc 10:4-12). Fundamentalmente, o conteúdo da mensagem de Jesus é uma lição no que se refere ao abandono de medidas de segurança e à experiência de liberdade apostólica como meios para uma evangelização produtiva. Se eles desejam cumprir sua missão de testemunho, os seguidores de Cristo não devem se preocupar quanto às necessidades diárias concretas, e sim, devem contar com a assistência de Deus e com a hospitalidade generosa e gentil daqueles que eles estão prestes a encontrar. Como eles devem se comportar?

Em qualquer cidade ou povoado onde entrardes, informai-vos para saber se há alguém que seja digno. Permanecei na sua casa até partirdes. Ao entrardes na casa, fazei a saudação. Se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; se ela não for digna, que a paz volte para vós. Se alguém não vos receber bem e não escutar a vossa palavra, ao sairdes dessa casa e dessa cidade sacudi a poeira dos pés (Mt 10:11-14; cf. também Atos 13:51).¹³

As recomendações de Jesus aos seus doze apóstolos terminam com algumas palavras bastante significativas:

Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem me recebe, recebe Aquele que Me enviou. Quem recebe um profeta, por ser profeta, receberá a recompensa de profeta. E quem recebe um justo, por ser justo, receberá a recompensa de justo. Quem der ainda que seja apenas um copo de água fresca a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, Eu vos garanto: não perderá a sua recompensa (Mt 10:40-42).

As mesmas palavras, com poucas diferenças, podem ser lidas também em Mc 19:41 e Lc 10:16 (também Jo 13:20), embora em contexto diferente. Talvez Jesus tenha repetido as mesmas recomendações diversas vezes, as aplicando a diferentes grupos reunidos para ouvi-lo. No entanto, as palavras de Jesus abarcam dois tópicos relevantes, que em tempos futuros marcarão a ideia de hospitalidade como um meio de evangelização, em uma perspectiva cristã: 1) uma acolhida aberta oferecida a um apóstolo, um profeta, uma pessoa justa ou a qualquer discípulo de Jesus, deve ser considerada um serviço de amor oferecido ao próprio Cristo, e nele ao Deus Pai; 2) tal ato misericordioso, se for mais que uma mera atividade filantrópica, será certamente recompensado. Portanto, a hospitalidade cristã se encontra em um nível divino, o qual é um bom horizonte a fim de compreender as palavras finais de Jesus sobre boa vontade e abertura aos outros, enquanto lhes entrega a Kerygma:

¹³ GABRIEL, Ingeborg. “When I was a Stranger You Took Me into Your Home (Matt 25:35). Some Elements of a Theology of Migration and Its Consequences for the Pastoral and Social Care of Foreigners”, em *People on the Move*, 65, 1994, p. 9-23; ver também GRILLI, Massimo. *Comunità e Missione: le direttive di Matteo*. Indagine esegetica su Mt 9,35–11,1. Frankfurt/Main: Peter Lang 1992; ROGERS, Terence. “Shaking the Dust Off, the Markan Mission Discourse”, em *Journal for the Study of the New Testament*, 27, 2004, p.169-192.

Vinde vós, os abençoados por meu Pai. Recebei como herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo. Pois estava com fome, e destes-Me de comer; estava com sede, e destes-Me de beber; era estrangeiro, e recebestes-Me na vossa casa... Eu vos garanto: todas as vezes que fizestes isto a um dos menores dos meus irmãos, foi a Mim que o fizestes (Mt 25:34-35.40, e toda a passagem sobre o último julgamento: vv.31-46).

As comunidades Cristãs antigas

A vida da Igreja antiga repete, em grande medida, os elementos da vida de Jesus mencionados acima. Obedientes ao comando do mestre (cf. Mt 28:19; Mc 16:15), os apóstolos foram por todo o mundo anunciar o *kerygma* a todas as pessoas. Seguindo eles, e imitando seus exemplos, havia uma multidão de “ministros do mundo” (Lc 1:2), um número infinito de colaboradores, profetas, doutores, evangelistas, discípulos que eram estimulados pelo entusiasmo apostólico a partilharem o presente de fé com todos aqueles que viessem a encontrar em seus caminhos.

O livro dos Atos dos Apóstolos é a única fonte histórica do período apostólico. Infelizmente, ele lida muito brevemente com este primeiro movimento missionário massivo, e raramente menciona acolhida e hospitalidade. No entanto, se reunirmos os elementos espalhados por todo o livro bem como as notícias dadas pelos outros escritos apostólicos do Novo Testamento, é possível que tenhamos uma imagem surpreendentemente ampla e completa, que mostra como havia uma prática magnífica de abertura e acolhida entre os primeiros cristãos, especialmente para com missionários e pregadores itinerantes, apesar de eles serem estrangeiros e desconhecidos entre si.

Primeiramente, pode ser útil chamar a atenção para os episódios relacionados ao nosso tema. Depois disso, será mais fácil entender como a hospitalidade era praticada (ou deveria ter sido praticada) e as razões que apóiam a tradição de acolhida nas primeiras Comunidades Cristãs.¹⁴

As narrativas

Quanto a Pedro, os Atos dos Apóstolos dizem que ele se alojou por um período bastante longo em Jope, com Simão, um curtidor de peles, cuja casa ficava ao lado do mar (cf. Atos 9:43; 10:18.32). Quando Pedro foi de Jope a Cesareia, ele foi convidado pelo centurião Cornélio e sua família para ficar por alguns dias (cf. Atos 10:48). Finalmente, após sua libertação milagrosa da prisão, Pedro foi para a acolhedora casa de Maria, mãe de Marcos, em Jerusalém (cf. Atos 12:12).

Quanto a Paulo, vivencia um episódio interessante em Filipos na Macedônia, enquanto o apóstolo estava na segunda jornada missionária. Paulo estava pregando e

uma das mulheres chamava-se Lídia; era uma comerciante de púrpura, da cidade de Tiatira. Lídia acreditava em Deus e escutava com atenção. O Senhor abriria o seu coração para que aderisse às palavras de Paulo. Após ter sido batizada, assim como toda sua família, ela convidou-nos: ‘Se me consideras fiel ao Senhor, permaneço em minha casa’. E forçou-nos a aceitar (Atos 16:14-15).¹⁵

¹⁴ Diversas contribuições recentes são úteis para entendermos a hospitalidade Cristã antiga, por exemplo veja ARTERBURY, Andrew. “The Ancient Custom of Hospitality, the Greek Novels, and Acts 10:1-11:18”, em *Perspectives in Religious Studies*, 29, 2002, p. 53-72; ODEN, Amy (ed.), *And You Welcomed Me: A Sourcebook on Hospitality in Early Christianity*.

¹⁵ Cf. GILLMAN, John. “Hospitality in Acts 16”, em *Louvain Studies*, 17, 1992, p. 181-196.

Foi naquela mesma cidade de Filipos que Paulo foi preso. Durante a noite que ele foi entregue, o vigia da prisão foi milagrosamente convertido e batizado. Depois disto, o homem levou Paulo e Silas a sua casa, e “os fez subirem para sua casa, preparou-lhes um jantar e alegrou-se com todos os seus familiares por ter acreditado em Deus” (Atos 16:34). Então, Paulo partiu para Tessalónica e ficou na casa de Jasão (cf. Atos 17:5-7); em Corinto ele ficou na casa de Áquila e Priscila (cf. Atos 18:2-3); em Cesareia ele residiu na casa de Filipe (cf. Atos 21:8). Por fim, Lucas, que esteve no naufrágio com Paulo em Malta, diz que os povos nativos da ilha “trataram-nos com extraordinária bondade. Acolheram-nos a todos ao redor de uma fogueira que tinham aceso, pois estava a chover e fazia frio”; Lucas continua contando que o chefe da ilha, Públio, “recebeu-nos com gentileza e hospedou-nos durante três dias”; todos na ilha “demonstraram, então, muitos sinais de estima e, na altura da partida, proveram-nos de tudo o que precisávamos” (Atos 28: 2.7.10).

Paulo viajou muito, graças a seu cuidado apostólico. Portanto, ele próprio experimentou a necessidade de hospitalidade. Ele nunca desejou ser um fardo para ninguém (cf. 1 Cor 9:15.18; 2 Cor 11:9; 2 Ts 3:8); no entanto, ele teve muitas vezes que contar com os bons serviços oferecidos por aqueles que eram gentis e generosos e que o acolheram espontaneamente, confirmando que isso já era um sucesso para seu ministério apostólico. Por essa razão, quando ele escreve a igrejas, ele as convida a praticar a virtude de hospitalidade (cf. Rm 12:13; também Hb 13:2; 1 Pt 4:9); Além disso, ele apoiou e recomendou a todos que necessitavam de hospitalidade, tanto discípulos como Marcos (cf. Cl 4:10) e Epafrodito (cf. Fl 2:29), quanto mulheres muito merecedoras, como a diaconisa Febe que aparece no final da carta aos Romanos:

Recomendo-vos a nossa irmã Febe, diaconisa da Igreja Cêncreas. Recebei-a no Senhor, como convém a cristãos. Dai-lhe toda a ajuda de que precisar, pois ela tem ajudado muita gente e a mim também. (Rm 16:1-2)

Algumas vezes ele era bem discreto ao mencionar para as comunidades que no futuro ele próprio precisaria de sua ajuda e assistência, caso ele conseguisse viajar aos lugares onde eles vivem (cf. Rm 1:10-13; 15:22-24; 1 Cor 16:6; 2 Cor 1:16; Fm 22).

Principalmente, os escritos apostólicos pedem que as comunidades Cristãs evitem todos aqueles que não se comportam de maneira justa (cf. 1 Cor 5:11; 2Jo 9-11; também Tt 3:10; Judas 23); mas por outro lado, eles encorajam a oferta de assistência gentil e de boa vontade aos missionários do Evangelho. Essa é a razão pela qual a terceira carta de João elogia e incentiva Gaio, a pessoa a quem João está enviando a carta:

Caríssimo, tu procedes fielmente em tudo o que fazes com os teus irmãos, apesar de serem estrangeiros. Diante da Igreja reunida, eles testemunharam o amor que tens. Farás bem provendo-os do necessário para a viagem, de modo digno de Deus. Foi pelo nome de Deus que eles se puseram a caminho, sem nada receberem dos pagãos. Devemos, portanto, acolher esses homens, para sermos cooperadores da Verdade (3 Jo 5-8).

A razão para tal tarefa é facilmente entendida se percebemos que os missionários, os quais estavam fortemente envolvidos com a pregação, não podiam por si mesmos obterem alimentação e alojamento. Paulo salienta diversas vezes que, da mesma forma que um trabalhador merece seu salário (cf. Lc 10:7), o trabalhador do Evangelho merece receber o que for necessário para seu bem-estar material, em troca dos bens espirituais que ele distribui gratuitamente (cf. 1 Cor 9:1-18; 1 Tm 5:18; também 2 Cor 8:3-4; Gl 6:6).

Entre aqueles que são mencionados por terem praticado de bom grado a hospitalidade para com os apóstolos e pregadores do Evangelho há Cristãos batizados,

Cristãos simpatizantes, homens e mulheres. De fato, os escritos do Novo Testamento encorajam todos os fiéis a serem acolhedores e hospitaleiros com estrangeiros. No entanto, há algumas pessoas que, devido as suas funções e status, deveriam ser perfeitamente adaptadas a essa virtude. As cartas pastorais, as quais tratam na maioria das vezes sobre a organização de cada comunidade cristã, claramente colocam que aqueles que querem ser bispos e padres deveriam ser extremamente generosos no que tange à hospitalidade (cf. 1 Tm 3:2; Tt 1:8) da mesma forma que as mulheres que pretendem se tornar membros do grupo das viúvas devotas (cf. 1Tm 5:10). De fato, nós não sabemos exatamente quais são as tarefas específicas dos padres, bispos e viúvas na época em que essas cartas foram escritas. No entanto, é bastante significativo o fato de que Paulo recomenda que a virtude de hospitalidade acolhedora, dentre todas as outras virtudes é requisitada a aqueles que desejam estar em cargo das comunidades antigas, e é considerada como sendo um canal privilegiado para a evangelização.

A prática da hospitalidade é o melhor fruto da acolhida

O que nós entendemos sobre hospitalidade a partir dos escritos do Novo Testamento certamente corresponde à prática típica da época. Além da saudação acolhedora, abertura a estrangeiros envolve o lava pés (cf. 1 Tm 5:10), alojamento, alimentação e tudo aquilo que o hóspede necessita. (cf. Rm 16:2). Mas há forte ênfase na assistência necessária durante a jornada, e isso significa particularmente dar ao hóspede informações sobre a direção, alimentação, dinheiro, e cartas de recomendação e apresentação a outras comunidades. Nesse sentido, Paulo recomenda dois discípulos desconhecidos quando escreve a Tito:

E esforça-te por ajudar Zenas, o jurista, e Apolo, de modo que nada lhes falte para a viagem. Todos os da nossa gente precisam de aprender a praticar boas obras, de modo que sejam capazes de atender às necessidades urgentes e assim não vivam uma vida inútil. (Tt 3: 13-14)

Em outras palavras, os fiéis não devem se contentar apenas com saudações e votos oferecidos aos estrangeiros, mas devem também prever claramente todas as suas necessidades.

Em um nível mais espiritual, nós podemos assumir que a Igreja antiga praticaria hospitalidade amigável e generosa por causa das motivações de Cristo de amor e comunhão entre irmãos e irmãs, as quais se tornaram elementos das comunidades antigas e na verdade o próprio canal para a proclamação do *kerygma*. Por essas razões, Paulo recomenda a acolher aqueles que ele está prestes a apresentar de uma forma “digna do povo sagrado de Deus” (Rm 16:2; Fl 2:29); João após festejar por causa do maravilhoso comportamento acolhedor de Gaio para com os estrangeiros, fortemente o convida a prover-lhe o necessário para sua viagem “como Deus aprovaria” (3Jo 6). Ambos marcam a prática correta de fiéis Cristãos, de acordo com o mais autêntico espírito evangélico, que envolve sensibilidade, amizade, cuidado, gentileza e generosidade. De fato, essas são as virtudes que devem sobressair em uma hospitalidade acolhedora, quando ela atinge seu grau mais alto e se torna “digna do povo sagrado de Deus”.¹⁶

O valor sobrenatural da acolhida e da hospitalidade

¹⁶ Cf. B. LEONHARD, “Hospitality in Third John”, em *The Bible Today*, 25, 1987, p. 11-18; MALHERBE, Abraham. “Hospitality and Inhospitability in the Church”, p. 92-112.

Portanto, nós podemos resumir a mensagem da Bíblia acerca de hospitalidade e acolhida nos seguintes elementos, os quais apontam o caminho autêntico para a evangelização.

1. Cuidado e boa vontade: quando um hóspede vem, de acordo com o exemplo de Lot (cf. Gn 19:3; também Jz 19:8), é necessário não somente recebê-lo(a) ou aceitar alojá-lo(a), mas é importante ser insistente, quase forçando o hóspede a aceitar a melhor hospitalidade disponível. Isso é o que os dois discípulos de Emaús fazem a Jesus (cf. Lc 24:29) e Lídia a Paulo quando ele esteve em Filipos (cf. Atos 16:15). Tito 3:13 mostra tal comportamento, que deve ser estendido até a partida do hóspede, usando a palavra *spoudaios*, que significa “motivação, cuidado, com atenção especial” (também Rm 12:13). É óbvio que essa é a raiz da acolhida, onde a possibilidade de anunciar o Evangelho é favoravelmente preparada.
2. Sem relutância: Isso é claramente colocado por Pedro: “Praticai a hospitalidade uns com os outros, sem murmurar” (1 Pt 4:9), querendo dizer que oferecer uma boa hospitalidade envolve a aceitação positiva do seu encargo, sem reclamar que isso teria causado alguma perturbação. Isso significa que as pessoas devem estar dispostas a renunciar algo a fim de prover uma boa acolhida por meio da qual os hóspedes se sintam em casa. Nesse caso o primeiro elemento é certamente o diálogo, que começa por ouvir uns aos outros levando finalmente à proclamação da Palavra de Deus, a qual é generosamente entregue.
3. Alegria: É Lucas que mais a menciona quando ele descreve os sentimentos interiores das pessoas, por exemplo quando ele escreve que Zaqueu “desceu rapidamente e recebeu Jesus com alegria” (Lc 19:6), da mesma forma que Paulo quando encontrou os fiéis de Jerusalém, no final de sua terceira jornada missionária (cf. Atos 21:17) e o vigia da prisão em Filipos leva Paulo e seus companheiros a sua casa, “preparou-lhes um jantar e alegrou-se com todos os seus familiares por ter acreditado em Deus” (Atos 16:34). A esse respeito, que entre Lucas e seu mestre Paulo há uma profunda comunhão de pensamentos. De fato, há muitos exemplos nas cartas de Paulo que lidam com o aspecto da alegria. Vale a pena chamar a atenção que, quando Paulo envia seu discípulo Epafrodito a Filipos, ele escreve à comunidade Cristã que eles deveriam “receber Epafrodito no Senhor, com grande alegria” (Fl 2:29). Em geral, sabemos bem que Paulo recomenda que todos os atos misericordiosos devem ser realizados alegremente (cf. Rm 12:8), e a razão é que “Deus ama a quem dá com alegria” (2 Cor 9:7) e nesse contexto a evangelização pode ser plenamente realizada.

A *Didaché*, no entanto, afirma que uma preocupação de beneficência, que inclua todos os elementos mencionados acima, não deve ser recusada a nenhuma pessoa, desde que se submeta àquelas condições que protegem a fé, serenidade e segurança da comunidade:

Acolha todo aquele que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita. Se o hóspede estiver de passagem, dê-

lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário. Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar. Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para que um cristão não viva ociosamente em seu meio. Se ele não aceitar isso, trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente! (*Didaché* 12,1-5).

O mártir Justino também testemunha a generosidade da caridade, e diz que

Os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dá o que bem lhe parece, e o que foi recolhido se entrega ao presidente. Ele o distribui a órfãos e viúvas, aos que por necessidade ou outra causa estão necessitados, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, numa palavra, ele se torna o provedor de todos os que se encontram em necessidade (Apologia I, 67.6).¹⁷

Essa mesma preocupação, portanto, envolve também o estrangeiro, como podemos entender lendo a perspectiva mais ampla apresentada pela antiga Apologia de Aristides: “quando eles (os Cristãos) veem um estranho, eles o levam para casa e alegram-se com ele como um próprio irmão, para que ele não os chame de irmãos de sangue, mas irmãos de espírito e em Deus (XV).¹⁸ Isso é comparável a ouvir a recomendação de Paulo, que estava tristemente considerando as discriminações que ocorreram na comunidade de Corinto, onde as divisões e a pirâmide social superavam o critério Cristão de reciprocidade: “De fato, quando nos reunimos, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor... em resumo, irmãos, quando vos reunirdes para a Ceia, esperai uns pelos outros”. (1 Cor 11:20.33)

Portanto, a prática da hospitalidade, mencionada como o melhor fruto da acolhida e tida como o canal privilegiado para a evangelização, era fortemente considerada na Igreja antiga.¹⁹

Sugestões Teológicas

Alguns estudiosos acreditam que as razões para a insistência dos escritos do NT nos deveres de hospitalidade provêm de sua prática inadequada: a Igreja antiga tentou evitar os problemas de hospitalidade. De fato, é melhor considerar que tal insistência se deu devido ao fato de que os pregadores Cristãos itinerantes foram forçados a buscar a hospitalidade em instituições públicas ou depender da generosidade de não-Cristãos, se eles não fossem acolhidos nas comunidades que eles encontravam em suas jornadas. Se esse tivesse sido o caso sua fé bem como seus costumes teriam estado em perigo. Talvez a recomendação de ser acolhedor sem relutar aponte para as perseguições que os Cristãos estavam sofrendo. No entanto, além dessas razões superficiais, que não são mencionadas nos escritos do NT, parece que existem algumas razões teológicas, as quais são mais relevantes e dão à hospitalidade um valor propriamente Cristão e também uma importância vital para a evangelização.

¹⁷ JUSTIN MARTYR. *First Apology of Justin, The Ante-Nicene Fathers*. Vol. 1, New York: Charles Scribner's Sons, 1925.

¹⁸ ARISTIDES. *Apology, The Ante-Nicene Fathers* Vol. 9, New York: Charles Scribner's Sons, 1925.

¹⁹ Eusébio de Cesareia testemunha que Melito de Sardes teria escrito uma dissertação inteira sobre hospitalidade a estrangeiros, a qual infelizmente foi perdida e da qual o título era: “*Peri philoxenias*”: cfr. *Church History* IV, 26.2. Cf. também HERMAS. *The Shepherd*, Commandment VIII, 9-10. PEÑA, Ignacio. “Hospedarias Sirias de los siglos IV, V, VI”, em *Liber Annuus*, 32, 1982, p. 327-334; DANESI, Giacomo. “Per una teologia delle migrazioni”, em AA. VV., *Per una pastorale dei migranti. Contributi in occasione del 75° della morte di mons. G.B. Scalabrini*. Roma: Direzione Generale dei Missionari Scalabriniani, 1980, p. 113-114.

Primeiro, a hospitalidade é um dom, um *charisma*, vindo do Espírito Santo, semelhante à profecia, o poder de cura, o dom de ensinar... (cf. Rm 12:6-8; 1Pe 4:10)

Então, a terceira carta de João coloca que “devemos, portanto, acolher esses homens, para sermos cooperadores da Verdade”. (v.8). O apóstolo apresenta a ideia segundo a qual acolhida e hospitalidade, abertura e boa vontade são as melhores formas de cooperação para a disseminação da verdade e fé Cristãs. Quando as pessoas oferecem uma hospitalidade generosa a missionários, elas apóiam a missão deles de pregar a verdade, e elas permitem que a verdade seja fácil e repentinamente disseminada e comunicada por todo o mundo. Ambos os missionários, que pedem por uma acolhida amigável, e aqueles que oferecem sua gentil boa vontade a eles, trabalham juntos pelo mesmo ideal, tendo suas atividades aperfeiçoadas e dando completude/abrangência uns aos outros. Nesse sentido, eles auxiliam uns aos outros e à verdade, e ambos merecem a recompensa prometida por Jesus em Mt 10:41.

Em terceiro lugar, além de ser uma atividade de verdade e fé, hospitalidade é também, e, sobretudo, uma atividade de caridade e amor. Não pode haver amor de verdade sem uma acolhida generosa; por outro lado, não pode haver uma acolhida sincera, no espírito Cristão mencionado acima, sem amor. Caso contrário ela será uma mera atividade filantrópica e humanitária. Paulo, em seu famoso hino de caridade diz que “o amor é sempre paciente e gentil” (1 Cor 13:4), que significa que o amor é sempre cheio de bondade, sensibilidade, delicadeza (cf. Mt 11:30; Lc 5:39), que consistem em virtudes típicas de um espírito aberto e acolhedor. Essa é a razão pela qual Paulo, insiste em encorajar os fiéis a imitarem a misericórdia de Jesus ao lidarem uns com os outros, diz que Deus e Cristo, as fontes e os modelos de amor, provaram amarem a humanidade por meio da “acolhida” de todas as pessoas em seu amor, a despeito seus pecados e crimes (cf. Rm 14:3; 15:7). Portanto, é fácil entender que amor e acolhida vêm juntos: “Não vos esqueçais da hospitalidade, pois algumas pessoas, graças a ela, sem saber acolheram anjos” (Hb 13:2); “Sobretudo, conservai entre vós um grande amor, porque o amor cobre uma multidão de pecados. Praticai a hospitalidade uns com os outros, sem murmurar” (1 Pe 4:8-9);

Que o vosso amor seja sem hipocrisia: detestai o mal e apegai-vos ao bem; no amor fraterno, sede carinhosos uns com os outros, revitalizando na mútua estima. Quanto ao zelo, não sejais preguiçosos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração. Sede solidários com os cristãos nas suas necessidades e aperfeiçoai-vos na prática da hospitalidade. (Rom 12:9-13)

Conclusões

No final desta investigação, nós percebemos que foi fácil descobrir que há muitas passagens na Bíblia que tratam da mobilidade de pessoas, as quais pedem abertura e boa vontade daqueles que encontram em suas jornadas. Os tópicos de acolhida e hospitalidade são familiares aos escritores Bíblicos: me parece que eles são considerados desafios importantes para renovação das sociedades antigas e, além disso, para a proposta de evangelização. Eles ainda nos desafiam, particularmente aqueles que lidam com pessoas em movimento. De fato, eles nos questionam, mostrando uma realidade bastante demandante: como achamos que nosso cuidado pastoral aos migrantes pode melhorar e promover a dignidade humana, a não ser por uma ação forte e vital de amor, verdade e fé, guiada pelo Espírito Santo de Jesus Cristo?

Em outras palavras, Cristãos e suas comunidades fiéis fazem esforços para que ninguém se sinta um estranho na família de Deus. Pelo contrário, todos devem querer compartilhar a mesma condição de peregrinação, fazendo parte – por assim dizer – do mesmo status ontológico: “Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira” (*Epístola a Diogneto* V,5).²⁰ Nesse contexto, a proclamação do *Kerygma* Cristã alcança seu ápice e o comportamento acolhedor se torna seu sinal específico, principalmente por nos lembrar que somos todos hóspedes, já que “nossa cidadania está no céu” (Fl 3:20) e “nós não temos aqui a nossa pátria definitiva, mas buscamos a pátria futura” (Hb 13:14; cf. também 2 Cor 7:29-31), aquela “bem alicerçada, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus” (Hb 11:10)²¹. Acolhida e hospitalidade, portanto, mostram a verdadeira face do *agapē* da Igreja, os próprios canais para a evangelização, porque não há distinção entre os membros da comunidade Cristã. É de fato a família que caminha, com Cristo, em direção à eterna terra natal.²² No entanto, durante sua peregrinação pelos caminhos do mundo, não pode esquecer da vocação especial recebida, aquela para ser a alma do mundo. E isso acontece, quando ela aceita, como um desafio, o status de estrangeira e, como uma aventura, a oportunidade de se tornar acolhedora e hospitaleira: “A alma imortal habita em uma tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus” (*Epístola a Diogneto* VI,8).²³

Bibliografia

- ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian (eds.). *New Dictionary of Biblical Theology*. Leicester, England: IVP, 2000.
- BENTOGGIO, Gabriele. “*Mio padre era un Arameo errante...*”. Temi di teologia biblica sulla mobilità umana. Roma: Urbaniana University Press, 2006.
- _____. *Stranieri e pellegrini*. Icone bibliche per una pedagogia dell’incontro. Milano: Edizioni Paoline, 2007.
- _____. entries “Accoglienza”, “Ospitalità” and “Patria”, in DE VIRGILIO, Giuseppe (ed.). *Dizionario Biblico della Vocazione*. Roma: Editrice Rogate, 2007, p. 7-15; 633-639; 680-684.
- BYRNE, Brendan. *The Hospitality of God. A Reading of Luke’s Gospel*. Strathfield: St Paul’s Publications, 2000.
- BOTTERWECK, Johannes; RINGGREN, Helmer (eds.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975.

²⁰ Cf. BURINI, Clara. “Dall’amore reciproco all’amore verso l’altro. Spunti di riflessione sullo scritto *A Diogneto*”, em *Parola Spirito e Vita*, 27, 1993, p. 265-277; *Idem*. “Ma come pellegrini” (*A Diogneto* 5,5), em *Parola Spirito e Vita*, 28, 1993, p. 269-281.

²¹ Cf. MASINI, Mario. “Una città per il futuro”, em *Parola Spirito e Vita*, 28, 1993, p. 213-229.

²² *The Epistle to Diognetus, The Apostolic Fathers*. Vol. 2, Loeb Classical Library, William Heinemann, Londres 1912. Os temas da salvação dos pagãos e do papel da cultura Helenística são dois pilares do pensamento de Clemens de Alexandria: cf. NOCE, Celestino. “La sapienza delle genti in Clemente Alessandrino”, em *Parola Spirito e Vita*, 26, 1992, p. 201-214.

²³ Uma coletânea de documentos Cristão antigos sobre hospitalidade, incluindo cartas, relatos, instruções e homilias podem ser encontrados em ODEN, Amy (Ed.). *And you Welcomed Me: A Sourcebook on Hospitality in Early Christianity*.

- BRUEGGEMANN, Walter. *The Land: Place as Gift, Promise, and Challenge in Biblical Faith*. Philadelphia: Fortress Press, 1977.
- KÖNIG, John. *New Testament Hospitality*. Minneapolis: Fortress Press, 1985.
- MALHERBE, Abraham. *Social Aspects of early Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.
- ODEN, Amy G. (ed.). *And You Welcomed Me: A Sourcebook on Hospitality in Early Christianity*. Nashville, TN: Abingdon Press, 2001.